

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - FAFICLA
Curso de Jornalismo



**POSSO FALAR? O SILENCIAMENTO DO
ASSÉDIO SEXUAL NO MEIO JORNALÍSTICO**

CAROLINA RACIUNAS PRADO

SÃO PAULO
2024

CAROLINA RACIUNAS PRADO

**POSSO FALAR? O SILENCIAMENTO DO
ASSÉDIO SEXUAL NO MEIO JORNALÍSTICO**

Memorial descritivo referente ao processo de produção do podcast apresentado ao curso de jornalismo da PUC-SP como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: professor Fábio Cypriano

**SÃO PAULO
2024**

Resumo

O podcast tem como objetivo levantar o debate sobre o silenciamento de jornalistas vítimas de assédio sexual no meio jornalístico. O destaque é para a contradição entre o papel dos profissionais em informar assuntos importantes diante de entraves que aparecem a partir das tentativas de denúncias quando os problemas se dão dentro das redações.

Os episódios se baseiam em reportagens publicadas sobre os casos, apurações diretas com fontes ligadas ao caso, e entrevistas exclusivas com detalhamento do ocorrido.

Em tom investigativo, o podcast busca mostrar o quanto as vítimas anseiam por justiça e por espaço para denúncia. Também são destaques os desdobramentos que decorrem - na maior parte das vezes - contra quem sofreu os assédios sexuais. No episódio final, sob análise de especialistas no assunto, o podcast explica as consequências psicológicas dos assédios, os desafios históricos a mulheres e o quanto elas estão suscetíveis a violências mesmo com amplo acesso à informação.

Justificativa

O trabalho tem como objetivo dar visibilidade aos crimes de assédio sexual nos casos citados e levantar um debate crítico sobre o papel de grandes empresas jornalísticas no combate à violência sexual. Além disso, visa dar espaço para que vítimas de assédio no meio jornalístico consigam contar as suas histórias sem qualquer silenciamento.

Metodologia

O processo de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso se baseou nos seguintes passos:

- leitura de reportagens sobre casos de assédio sexual dentro do meio jornalístico;
- acompanhamento constante a respeito de notícias sobre o tema, bem como os desdobramentos dos casos citados;
- leitura sobre manuais de como abordar o assédio sexual em produtos jornalísticos;
- apuração em on e em off com personagens relacionados aos casos abordados;
- contato com jornalistas que cobrem questões relacionadas à violência de gênero;

- pesquisa sobre o padrão de comportamento de assediadores sexuais, bem como a legislação sobre o tema e os caminhos para denúncia formal.

Percurso

Sempre tive afinidade com assuntos relacionados a direitos humanos. A defesa de minorias sociais se demonstrou ainda mais relevante diante do meu amadurecimento e contato com o universo informativo ainda no período escolar. O conhecimento sobre situações de violência e opressão despertaram em mim uma vontade intensa de agir pela mudança.

Apesar da visão inicialmente ingênua, ao longo do tempo e do contato com o meio jornalístico busquei refletir essa vontade na prática profissional. Minhas primeiras reportagens na universidade tinham como recorte denúncias de problemas sociais como fome, transfobia e assédio. Este último assunto se manteve de plano de fundo em minha mente durante longos anos. Foi motivo de debates na escola e na universidade, se destacou entre as minhas principais produções jornalísticas e, infelizmente, se fez presente no meu dia a dia como mulher.

Assim como tantas outras, passei por situações de assédio e ouvi histórias que me inquietam até hoje. Percebi que já não bastava mais apenas trazer o assunto à tona em conversas com amigos: era preciso tornar este o assunto do trabalho final da minha tão sonhada graduação em jornalismo.

O assunto do assédio sexual ganhou ainda mais destaque e relevância quando observei a presença dele no ambiente em que nós, jornalistas, atuamos todos os dias: a redação. O local que deveria nos trazer segurança para que trabalhemos com paz e dignidade, sem sofrer violências. E mais do que isso: um ambiente que cobra incessantemente por conteúdos exclusivos, polêmicos e de denúncias. A grande questão que alavancou a minha inquietude foi notar que as vítimas de assédio sexual eram silenciadas assim que buscavam denunciar.

Apresentei a proposta ao meu orientador Fabio Cypriano e logo segui em busca de quem mais deveria estar presente neste trabalho: as vítimas de assédio. No jornalismo nos acostumamos com os famosos ghostings e as simples faltas de respostas em tentativas de contato com importantes fontes, mas as principais pessoas que procurei me responderam prontamente. Elas queriam falar. Foi assim que eu percebi o quanto essas vítimas precisam de espaço e voz para trazer à tona tudo o que passaram.

A conversa com a jornalista britânica Lucy Siegle foi a primeira que aconteceu. Durou mais de uma hora, porque ela tinha muito o que dizer. Ela descreveu

detalhadamente o assédio que sofreu há mais de 20 anos e destacou todos os entraves que apareceram ao longo de sua vida justamente por ter denunciado.

Lucy destacou principalmente a frustração por não conseguir levar pra frente as denúncias de uma violência que aconteceu dentro da redação do The Guardian, um jornal internacionalmente reconhecido por apoiar pautas de direitos humanos.

Toda a entrevista foi feita em inglês. Para trazer ao podcast de forma acessível e fiel às informações, a conversa foi dublada pela atriz Ana Luiza Bonato. O mais interessante de todo o processo de apuração com a Lucy foi que, por mais importante e internacionalmente conhecida que é, ela se colocou totalmente à disposição para contar a sua história e contribuir como fosse necessário ao podcast. E de maneira até mesmo poética, Lucy fez questão de destacar que acredita muito na potência da nova geração em lutar contra a violência sexual.

Para o segundo episódio, conversei com a jornalista e ex-âncora da Record, Rhiza Castro. Também foi um longo diálogo em que ela descreveu tudo o que passou em mais de um ano de frequentes violências. O que mais se destacou nessa conversa foram as intensas tentativas de Rhiza em demonstrar que nunca deu abertura para que o diretor de jornalismo Thiago Feitosa a assediasse.

Rhiza contou ainda que diversas colegas de redação também sofreram assédios de Feitosa. Ele pagou à justiça para que o processo fosse arquivado e, apesar de ter sido demitido da Record, hoje tem cargo de gestão em um veículo de notícias. Rhiza ainda busca por uma oportunidade de voltar às redações.

O terceiro episódio do podcast contou com a dura história de Elian Matte. Ele sofreu assédio na mesma redação que Rhiza: na Record. A conversa com Elian foi longa e não contou com muitos detalhes sobre os assédios em si. Por isso, parte dos destaques foram dados citando a apuração exclusiva da Revista Piauí. Até hoje o jornalista enfrenta os impactos psicológicos das violências que sofreu do diretor de RH Márcio Santos.

A história dele se destacou muito também pelo assunto de saúde mental. Elian teve burnout e ansiedade. O diagnóstico veio ainda por uma médica da própria emissora, que foi ameaçada e teve que alterar o laudo para manter o próprio emprego.

Em abril deste ano, Márcio foi indiciado pela polícia civil por suspeita de assédio sexual. Já em setembro, segundo o jornal Metrôpoles, ele fez um acordo de transação penal para que o processo fosse arquivado.

Para o quarto episódio, tentei entrevistar a jornalista Amanda Audi. Mas ela não pôde falar. Apesar da vontade dela de contar o que aconteceu, existe uma restrição

judicial que impede Amanda de falar publicamente sobre o caso. Por isso, esta apuração aconteceu via terceiros e outras reportagens já publicadas sobre o assunto.

Foi um caso de extrema violência. Amanda foi estuprada pelo então colunista do The Intercept, Alexandre Andrada.

Em todos os quatro episódios foi possível perceber o processo de revitimização. Ou seja, as vítimas sofreram assédio sexual e, assim que denunciaram, sofreram novas violências, se tornaram vítimas mais uma vez.

Por fim, considerei indispensável uma conversa com especialistas no assunto para que a pauta pudesse ao menos ter uma explicação, uma visão profissional, um debate sóbrio sobre os casos. Para isso, conversei com a jornalista, colunista do UOL, e escritora do livro “João de Deus: O abuso da fé”, Cris Fibe.

A segunda entrevista, para concluir o episódio e a temporada, foi com a psicóloga clínica do Me Too Brasil, Lilian Lacerda. Elas foram essenciais para a análise dos casos e compreensão das nuances presentes em cada um dos exemplos de assédio.

Em todos os casos, busquei o outro lado: pedi posicionamento aos veículos jornalísticos envolvidos e aos acusados dos crimes de assédio sexual. Ninguém respondeu.

Encerro este ciclo satisfeita com o resultado e grata ao meu orientador Fabio Cypriano pelo apoio durante todo o processo. Sem dúvidas ainda tenho sede de justiça, espero levar o assunto a novos lugares e a ouvidos que talvez ainda não saibam de tamanho silenciamento.